Mudanças no mundo rural

Pesquisas recentes têm constatado as transformações muito importantes que vêm ocorrendo nas áreas rurais do mundo e do Brasil. Alguns velhos mitos estão sendo derrubados, outros parecem estar surgindo; todavia, determinados traços futuros já podem ser percebidos com certa clareza.

De início, pode-se perceber que está cada vez mais difícil delimitar o que é rural e o que é urbano. Do ponto de vista espacial, o rural hoje é continuação do urbano. Do ponto de vista das formas de organização econômica, as cidades não podem ser identificadas apenas como locais onde se desenvolvem atividades industriais, nem os campos como áreas onde somente se praticam atividades ligadas à agricultura e à pecuária.

Parcela significativa do espaço rural brasileiro foi gradativamente se urbanizando nas últimas décadas, como reflexo do processo de industrialização da agricultura e do transbordamento do mundo urbano para aquelas áreas que tradicionalmente eram definidas como rurais.

Como resultado, a agricultura interligou-se fortemente ao restante da economia, a ponto de não mais poder ser separada dos setores que lhe fornecem insumos ou que compram seus produtos. Essa integração pode ser percebida, por exemplo, nos chamados complexos agroindustriais, que passaram a dirigir a própria dinâmica das atividades agropecuárias a eles vinculadas.

Assim, o rural não pode ser simplesmente considerado sinônimo de atraso, já que nos dias atuais não se opõe ao urbano como símbolo da modernidade. Todavia, não se deve esquecer que ainda há nas áreas rurais brasileiras muito atrasadas, consequência de nossa herança histórica marcada pela escravidão, pela injusta e vergonhosa estrutura fundiária e pela chaga representada pelas imensas desigualdades sociais.

O espaço rural em países como o Brasil ainda é marcado pelo domínio de atividades agrícolas; porém, as atividades e as ocupações não agrícolas vêm crescendo de forma expressiva nas últimas décadas. O censo de 2000 constatou que, em nosso país, pouco menos de 20% de seu contingente populacional (cerca de 30 milhões de pessoas) vivia em zonas consideradas rurais, e quase metade delas na região Nordeste.

Há aproximadamente 15 milhões de pessoas economicamente ativas no meio rural do país, mas cerca de um terço delas trabalha em ocupações não agríco-

las como é o caso de pedreiros, motoristas, caseiros, empregadas domésticas etc. Essas ocupações, ligadas a atividades orientadas para o consumo, como lazer, turismo, residência, preservação ambiental etc., foram as que mais cresceram no campo (média de 3,7% ao ano), ao longo da década de 1990. Em contrapartida, o emprego ligado exclusivamente ao setor agropecuário, substituído pelas novas tecnologias, apresentou queda mais rápida (média de 1,7% ao ano).

Se essa tendência se mantiver, por volta da metade da próxima década, a maioria da população rural brasileira estará ocupada em atividades não agrícolas. Nos estados mais desenvolvidos do país, como São Paulo, é muito provável que esse fenômeno já esteja se verificando. Só para estabelecer uma comparação, nos Estados Unidos, desde o final da década de 1970, o pessoal técnico e administrativo já superava em número a mão-de-obra meramente braçal nas zonas rurais. Em 1980, a PEA (População Economicamente Ativa) norte-americana empregada no setor de serviços respondia por mais de 60% do emprego rural.